

MetaPsicologia do Conhecimento¹

MD Magno²

Resumo: Construção de uma teoria metapsicológica (isto é, psicanalítica) do conhecimento que parte do próprio conhecimento (e não do sujeito ou do objeto) para pensar o conhecimento. Trata-se de uma Gnômica, mais borgeana do que epistemológica e que pensa em termos de formações transando com formações, de conhecimentos transando com conhecimentos e resultando em conhecimentos. É uma teoria movente, provisória, que lança mão não de ‘disciplinas’, mas de toda e qualquer formação disponível para produzir algum tipo de conhecimento que possa servir. A Gnômica exclui o sujeito do conhecimento e seu propósito não é pensar o conhecido ou o conhecente, e sim o conhecimento, qualquer um.

Palavras-chave: teorias da comunicação; conhecimento; psicanálise

Abstract: Building of a metapsychological (i.e., psychoanalytical) theory of knowledge which starts from the very knowledge (and not from subject or object) to think knowledge. It is about a Gnomics much more like Jorge Luis Borges’ style than any epistemological way. Gnomics thinks in terms of formations transacting with formations, of knowledge transacting with knowledge and resulting in knowledge. It is a moving and provisional theory which employs not ‘disciplines’ but uses each and every available formation to bring forth any kind of useful knowledge. Gnomics excludes the knowledge’s subject, and its aim is not to think what is known or the one who knows, but just knowledge, any knowledge.

Key-words: communication theories; knowledge; psychoanalysis

Gnômica, ou MetaPsicologia do Conhecimento, é o nome que dei ao que nos interessa chamar de teoria do conhecimento. Como se trata de uma Gnoseologia declarada por esta psicanálise e não por outra, nem pela filosofia, afastei o termo filosófico que mais se usa em relação a conhecimento. Em última instância, tudo com que a gente lida é ou depende de conhecimento, no sentido mais genérico do termo.

Filosofia, sujeito, objeto

Não me refiro, portanto, a filosofia da ciência, ou seja, não se trata de epistemologia. Desde quando comecei a falar no assunto, houve certa confusão. Pensou-se que

¹ Texto retirado da primeira seção do Falatório do autor, intitulado AdRem: Gnômica ou MetaPsicologia do Conhecimento, realizado em 29 março 2008.

² Psicanalista. Professor aposentado (Eco/UFRJ e UERJ). Ex-Professor do Depto. de Psicanálise de Vincennes/Paris VIII. Email: mdmagno@novamente.org.br

eu estava a fim de produzir uma epistemologia. É a confusão que está, por exemplo, no livro de Maria Luiza Kahl, *A interpretação do sonho de Freud* (Santa Maria: UFSM, 2000): os hábitos filosóficos da autora levaram-na a pensar que se tratava de uma epistemologia. Não é o caso, embora uma epistemologia possa vir a ser uma região ou uma parte deste trabalho.

Quando tomamos termos ou achados da filosofia, da ciência ou de qualquer outro campo do conhecimento, as pessoas pensam que, por isso, estamos fazendo filosofia. Fazer filosofia não é o que faço ao lançar mão de qualquer achado de conhecimento em qualquer campo para dele fazer o uso que quiser. As filosofias produziram certas posturas que viraram hábitos de operação no Ocidente. É tão habitual que pessoas ficaram com a impressão de que aquilo é a realidade. Por se esquecerem de que são armações conceituais, passam a funcionar – não para os filósofos, é claro – no cotidiano como se fossem coisas concretas, realidades tomadas em si mesmas. Na filosofia, há um negócio inventado em certo momento que é a relação sujeito-objeto. Freud jamais falou nisto. Na melhor das hipóteses falava de Eu, *Ich*, mas nunca apontou a posição de sujeito para ele. Foi Lacan quem resolveu pendurar a psicanálise no cabide da filosofia. Fazia parte da época: estávamos nos grandes momentos do estruturalismo, que veio a falecer logo depois. Nesse período, digamos, heróico da psicanálise estruturalista, Lacan fazia a suposição de que era capaz de produzir o que seria a ciência do sujeito e chegou a afirmar que o que qualifica uma ciência é ter um objeto definido. O objeto desta ciência seria o sujeito, e não o objeto do sujeito, que é o seu objeto *a*. É um troca-troca engraçado. Ele queria fazer a ciência do sujeito e achava que a psicanálise poderia ser isto. Não deu certo e, com o tempo, ele mesmo percebeu que aquilo não iria a lugar algum. Manteve os termos até o fim, mas partiu para a idéia de significante, abandonando o modelo anterior de sujeito e objeto. Topologizou a psicanálise: já que não podia ser ciência, tomou uns objetos matemáticos como arrimo – maneira de dizer, pois nem sei se aquilo é metáfora – para pensar e, no final, já estava interessado no real dessa nodulação. Não conseguiu muita coisa, pois era a tentativa final de sustentar o pensamento para além do falecido estruturalismo. É claro que essas coisas remanescem, uma vez que foram ditas nas décadas de 1950 e 1960, os lacanianos aprenderam e ficam repetindo até hoje.

Desde que as filosofias inventam o tal sujeito, o termo e a idéia têm grande sucesso em sua história. Quando se propôs a idéia de sujeito, propôs-se juntamente a de objeto: $S \rightarrow Ob$. Diante do sujeito há um objeto, o qual chega até mesmo a qualificar o sujeito, pois é o que está diante dele. Fez-se, então, longamente, a suposição de que o tal sujeito é um cara que se chama de *Eu* – embora não saibamos exatamente quem seja, dá a impressão de que há alguém que se chama de *Eu*, e que é alguém – e que pode espelhar

o objeto. Ou seja, se olhar com afinco e atenção para o objeto, é capaz de o objeto lhe entregar suas particularidades como conhecimento. Então, o conhecimento era o que se arrancava do objeto e estava embutido no objeto. Como sabem, Kant fica famoso em seu tempo e depois por dar um grande golpe dentro da filosofia ao inverter as posições. Sua inspiração vem da cosmologia copernicana. Antes de Copérnico pensa-se que o sol gira em torno da terra, ou seja, que o sujeito gira em torno do objeto e o considera. Como Copérnico mostra que é a terra que gira em torno do sol, Kant gosta da idéia e muda a posição de sujeito e objeto. Não é a consideração do objeto em si que traz o conhecimento, são as formações que estão no próprio sujeito, chamadas de formas *a priori* do conhecimento, que, de certa forma, são projetadas sobre o objeto e, na consideração do objeto com esta projeção, constitui-se o conhecimento. É um tipo de pensamento que durou muito e dura até hoje nas faculdades de filosofia.

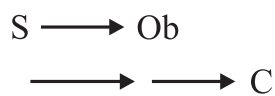
Há muitas considerações a esse respeito. A fenomenologia, por exemplo, nas mãos de Edmund Husserl (1859-1938), resolve suspender de certo modo as duas posições. Como Kant colocara a idéia de *fenômeno* e de que, por trás, existia o *noumeno* por causa do real do objeto do conhecimento, Husserl diz que a relação sujeito e objeto é puramente de fenômenos e o que se pode fazer é a descrição desses fenômenos, mas lá continua o sujeito colocado com alguma substancialidade. Lacan dá a impressão de um passo gigantesco ao inventar sua formulação de sujeito em relação ao que, modificando o pensamento de Saussure, chama de significante. A idéia de sujeito se esvazia, é simplesmente um intervalo, que ele define como o que um significante *representa* para outro significante (tanto quanto ao que se chamou de representação ou de representação da representação, *Vorstellungsrepräsentanz*, como Freud colocou). De qualquer modo, o sujeito continua lá e se continua com a impressão de que falamos com alguém e esse alguém é sujeito.

A psicanálise é o vale das desilusões. Quando as pessoas ficam animadinhas pensando que ficarão curadas, é que chegaram ao cúmulo da ilusão – e percebem que não é bem isso que compraram. Mas a cura passa por aí mesmo, não há outra, e é, desde Freud, produtora das chamadas feridas narcísicas: um trabalho que vai destituindo até, espera-se, não sobrar nada. Claro que sempre sobra, pois sintoma é algo tão duro que não se dissolve, mas é do feitio da tarefa da psicanálise eliminar as ilusões e produzir feridas narcísicas. Então, uma das coisas que a psicanálise precisa fazer ainda, para além da última propagação lacaniana, é eliminar o tal sujeito, não considerá-lo, jogá-lo no lixo, pois **o sujeito é uma ilusão**. A filosofia o pensou para deslocar das ilusões da pessoa, mas, seja qual for sua definição, a idéia de que subsiste em cada um dos falantes, como chama Lacan, uma indicação de confluência, de polarização, de pólo, digamos, de seu

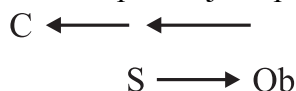
discurso com o nome de sujeito ainda é muita ilusão. É claro que a ilusão lacaniana de o sujeito ser puramente intervalar é tão furada que poderia ter levado os lacanianos a uma abstração maior, mas não levou e o sujeito lacaniano está cada dia mais fantasiado. Eles falam com o sujeito, analisam o sujeito...

Partir do próprio conhecimento

Proponho há algum tempo, e agora com mais veemência em função de pensar o que seja o conhecimento, que podemos e devemos abandonar o conceito de sujeito e o de objeto, que é seu correlato. Não precisamos deles para pensar com mais clareza o que possa ser conhecimento a partir da estrutura de discurso sobre a psicanálise que venho trazendo. Se, outrora, partiu-se do objeto para entender o conhecimento na relação do objeto com o sujeito; e se, depois, partiu-se do sujeito para pensar a relação de conhecimento na abordagem por esse sujeito com suas formações a priori em relação ao objeto; agora, **proponho uma postura diversa: nem sujeito nem objeto.** O que interessa? De onde devemos partir? Do próprio conhecimento. Antes, partiu-se do sujeito para considerar o objeto, o que resultava em conhecimento:



Ou partiu-se do objeto a ser considerado pelo sujeito para fazer o conhecimento:



Ora, nem um nem outro. Há algum tipo de transa que resulta em conhecimento. Como veremos, temos sempre que pensar em termos de polarização.

O que interessa à psicanálise quando efetivamente opera? O que procura escutar de “alguém” batendo boca nos ouvidos do analista? Uma resultante qualquer, uma formação resultante de transas acontecidas em lugares e tempos os mais diversos. Considera-se, pois, nesta escuta, uma formação que é o conhecimento que pode ali ser apresentado para ser tratado. Trata-se de uma formação de informações. O que temos a considerar é a transa entre formações, as quais são pólos com seus focos e suas franjas. Franjas estas que não se sabe onde terminam e nunca saberemos, pois isto faz parte do Haver: o conhecimento não tem como atingir todas as posições franjais. **Da transa entre as formações resulta algo, outra formação que chamamos conhecimento, e não há sujeito ou objeto aí.** É duro pensar assim, pois, primeiro, estamos habituados a pensar que *somos* alguém. Segundo, estamos viciados na idéia de sujeito que tem um objeto, e não nos damos conta da forte ilusão da suposição de que há um sujeito para cá e de que, para lá, há os objetos do mundo que o sujeito aborda.

Essa coisa que temos impressão de ser sujeito – e que Lacan muito sabiamente disse ser efeito das relações significantes –, de ser unária e centrada, é simplesmente a resultante do fato de as formações internas de uma Pessoa – que é constituída de Primário, Secundário e Originário – se comunicarem em todas as direções entre si. Comunicação esta que, a cada momento, também resulta numa resultante única, o que dá a impressão de que a resultante que aparece aqui e agora é *Eu* porque sei que estou falando com o tal sujeito. Mas sabemos de experiência que, se mexermos nessas formações de qualquer lado, a coisa se desconfigura, muda de posição. É mais fácil entender se pensarmos em formações que supostamente estão metidas nas pessoas, pois se algo acontece nas formações cerebrais, por exemplo, uma lesão no sentido material ou das articulações, onde fica o tal sujeito? Pode até ter “alguém” falando ali, mas já é outra resultante que não a anterior. Observem também a impressão que a psicologia tem de uma permanência das referências da pessoa e de que isso constitui um *Eu* – e, portanto, um ego permanente e mesmo um sujeito adscrito a ele – depende da permanência dessas formações. A qualquer mudança nelas, já não se tem mais a permanência daquela conjuntura.

As coisas são conhecimento

É preciso começar a pensar que isso que eu suponho ser eu... Todos podem achar normal esta frase estúpida – “isso que eu suponho ser eu” –, mas quem supõe o quê? Olho para outra pessoa e vejo a constância de um conjunto de formações corporais, figurativas, de jeito, de fala, etc., mas que são apenas formações sintomáticas que insistem em se repetir porque são resistentes. Aquilo sofre, dói? Sofre e dói sim, mas simplesmente por ser um conjunto de formações. Peço, então, para deslocarmos a cabeça de idéias como sujeito ou objeto e pensar que lidamos com um monte de formações, com polaridades, com um pólo constituído de muitas formações, as quais se mantêm constantes, às vezes por longo tempo, e que, de seu confronto com outras formações, resultam formações que costumamos chamar de conhecimento.

Esquecemos freqüentemente que as próprias formações que estavam em transa são conhecimento, mas quando queremos saber alguma coisa, a quem perguntamos? Não é ao conhecimento que está embutido nas coisas? Não vamos analisar as coisas para saber como são? Que conhecimento está embutido nas coisas? Que outras formações, que outros conhecimentos, transam para tirar dali uma consequência, uma resultante? Costumamos chamar de conhecimento apenas a resultante, mas **estamos em transa de formações com formações, sendo que qualquer delas é, enquanto tal, conhecimento**. Mas se não houver sujeito ali, quem vai conhecer? O cachorro, o gato... que conhecem tanto quanto qualquer pessoa, segundo seu regime, segundo as formações

ali disponíveis para transar com outras formações e resultar em x formações. Qualquer elemento do reino vivo age (talvez com mais pobreza, mas) do mesmo modo que nós: transa conhecimento e é ele próprio conhecimento.

Quem fizer um levantamento sobre o que se produz hoje nos laboratórios de pesquisa em etologia, em psicologia animal, verá que está cada vez mais claro que os animais são capazes de desempenhos incríveis, que não esperávamos, mas que aparecem desde que observados em sua correção de comportamento. Simplesmente abolíamos esta possibilidade ao afirmar que bicho não pensa. Aliás, é preciso definir o que seja **pensar**. Qualquer um que tenha algum bicho de estimação sabe que há uma transa com altas conversas e eles sabem e aprendem as coisas muito bem. Ou seja, sabem muitas coisas que às vezes não sabemos, pois têm formações que não temos. Portanto, é preciso criar aparelhos para sabermos as coisas que um cachorro sabe, para, por exemplo, escutar o que ele escuta. E o conhecimento mudará, pois incluímos próteses que são cachorrais, e não humanas.

As coisas são conhecimento? Se são formações, são sintomatizadas, têm configurações que às vezes permanecem por longuíssimo tempo, mais até que a vida de uma pessoa. Então, **as coisas são conhecimento**. O pessoal da teoria da informação diz que são informação, mas não há por que não chamar informação de conhecimento. As coisas transam com outras formações – com o ar ambiente, a temperatura, por exemplo – e disto resulta outro conhecimento. Joguem um pedaço de ferro no terreno e daqui algum tempo verão que está enferrujado: o ferro deve ter aprendido o que a ferrugem é. Não é pelo fato de o ferro não saber nos explicar sua transa com o oxigênio que não houve uma transa que resultou em conhecimento novo. Tanto é que venho com outras formações, transo-as com as formações do ferro antes e depois e o conhecimento mudou. Como sou tolo digo que *meu* conhecimento mudou, mas foi *o conhecimento* que mudou. Pelo fato de algumas formações estarem inscritas em outras formações que estão aqui e que transam para todos os sentidos umas com as outras, fico com a ilusão de que é *meu* conhecimento, mas é apenas *o conhecimento*, o qual, por acaso, está pespegado em formações que estão aqui e agora. Amanhã, podem não estar. Basta ficar um pouco mais gagá que tudo some.

É preciso o tempo todo reconhecer que a impressão que tenho de “Eu” estar aqui e agora com “meu” saber é ilusão ou pura momentaneidade das formações, o que também é ilusório. Um pouco mais de realidade nesta reflexão e verifico que há formações que se dão conta de que aqui há formações que transam com formações. O trabalho do final do século XX para começo do século XXI em vários campos científicos está sendo no sentido de destrinchar essas formações, descrevê-las, às vezes com teoremas funda-

mentais que são errôneos por não perceberem o ilusório da situação e operarem com o mesmo sentido anterior, mesmo quando abandonam a idéia de sujeito.

Ciências cognitivas: precariedade contemporânea

Tomemos, por exemplo, as ciências cognitivas que estão na moda e são importantes. Segundo os cientistas cognitivos, elas são cinco: a psicologia cognitiva, que todos já devem conhecer um pouco; a inteligência artificial, que lida com a ordem da computação; as neurociências, que tratam da descrição do sistema nervoso central em toda sua funcionalidade; a lingüística, no caso a de Chomsky, que faz a suposição de que há uma gramática gerativa, uma formação inata na espécie, que é uma formação linguageira, a qual tratam de descrever (mas as outras espécies também são formações linguageiras: esta caneca em minha mão também é uma formação linguageira, basta prestarmos atenção...); e a quinta, pasmem, é a filosofia. Essas ditas ciências cognitivas não pensam em termos de sujeito por funcionarem a partir do trabalho do cientista de observar o real, descrevê-lo e, com muita freqüência, esquecem que há as formações do cientista do lado de cá, embora isto tenha sido lembrado com clareza na epistemologia. Sua atitude é de descrição dos aparelhos encontrados na realidade, mas com pouca reflexão, acho eu, sobre a intervenção das formações que abordam essas outras formações, o que muda radicalmente o panorama.

Por exemplo, a produção de próteses no mundo contemporâneo é de uma velocidade extrema e, no campo das ciências cognitivas, temos aparelhos como os de ressonâncias magnéticas especialíssimas que dão aos cientistas a impressão de estarem acompanhando os movimentos, digamos, cerebrais enquanto tais. Mas estão apenas em sua precariedade contemporânea. É algo importante saber, pois sabe-se quase nada, mas sabe-se um conjunto de coisas que já nos permite começar a pensar como são as formações dentro dessas formações, como se constituem e como funcionam. Então, se modificarmos algumas formações cerebrais, como já disse, por lesão física ou por lesão simbólica – que também existe –, a funcionalidade muda. As ciências cognitivas são muito incipientes, falta muito para chegarem a algo que realmente importe.

A posição que trago de uma teoria do conhecimento que não é epistemologia, e que tampouco quer ser da mesma ordem das ciências cognitivas, é no sentido de tentar pensar um aparelho qualquer que contribua para o que possa ser a transa dentro da dinâmica do conhecimento com o máximo de abstração. Isto, sem apegar-se a qualquer configuração, material ou do conhecimento progressivo, e que apenas pense em termos de formações transando com formações, de conhecimentos transando com conhecimentos e resultando em conhecimentos. É algo movente, provisório e abstraído o mais pos-

sível das configurações vistas até agora. Por exemplo, retomando o caso das ciências cognitivas, vemos que, de saída, definem seu campo de operação com cinco disciplinas. Se assim definem, já disciplinaram algumas formações. Elas são disciplinares, ou seja, são isso e não aquilo, têm limites desenhados, e para continuar sendo isso e não aquilo não podem sair de sua própria configuração. Então, com cinco disciplinas, as ciências cognitivas procuram fazer um trabalho – também na moda, sobretudo no campo da universidade – que chamam de interdisciplinar. É interessante e muita coisa pode resultar daí, mas não é o que está nesta visão.

O conhecimento não é disciplina, nem é disciplinável. Se começar a discipliná-lo, já o mutilei. É claro que o disciplinamos, mas é preciso saber que estamos cometendo o erro de amputá-lo. Os conhecimentos necessários para transar e chegar a outros conhecimentos cabem em disciplinas nomeáveis? Em nosso campo, toda e qualquer formação vale a mesma coisa enquanto tal, enquanto formação: as formações terão valores identificados em função das transas que quisermos fazer com elas, mas, enquanto formações, todas são formações e são conhecimentos válidos. Uma teoria do conhecimento, uma Gnômica de índole psicanalítica é mais borgeana do que epistemológica. Como sabem, Jorge Luis Borges (1899-1986) é um autor que faz o elenco das formações para chegar a alguma conclusão. Ele retira as formações de qualquer âmbito de formações e tira conclusões inusitadas, mais próximas do pensamento da psicanálise do que das chamadas ciências. Portanto, a Gnômica, a teoria do conhecimento da psicanálise, não lança mão de disciplinas, e sim de toda e qualquer formação disponível para produzir algum tipo de entendimento, de conhecimento, que possa servir para algo. No caso da psicanálise, sobretudo que possa servir para continuar o entendimento.

Pólo: foco e franja

Partir do conhecimento para pensar o conhecimento é considerar as formações, quaisquer que sejam – consideradas por outras formações, é claro –, como conhecimentos tais quais as formações que consideram. Vejam que pode ser deixada de lado a posição do físico que questiona a razoabilidade absoluta do conhecimento por ele produzido ao descobrir que sua presença como sujeito intervém na produção do conhecimento. Isto, para pensarmos que há formações que estão sendo abordadas por tais formações e que, na transa destas com aquelas, há uma resultante da qual escapam muitas formações que não foram consideradas e que jamais o serão na medida que este pensamento coloca que **as formações, quaisquer que sejam, são polares**. Algo que nos prejudica bastante é a referência que espontaneamente fazemos à teoria dos conjuntos. Ela ajuda em outras regiões, mas aqui atrapalha por ter o círculo de Euler que evidencia o limite da forma-

ção: é uma formação com tais e quais elementos, e não outros, e termina ali. Para nós, interessa pensar em termos de **pólos** (notados abaixo por: *) que são formações, os quais pólos são constituídos de **focos** e **franjas**. Qualquer formação se apresenta polarmente, e quanto maior a abrangência franjal e a quantidade de elementos franjais outras formações possam capturar nesta formação, mais complexa – ou talvez mais completa – ela se apresentará.



Entretanto, jamais podemos nos pensar capazes de transar formações com formações produzindo conhecimentos conhecedores. Produzimos conhecimentos sempre precários, pois só se conhece no meio de campo. Nos arredores, sempre seremos pegos por nossa ignorância. Dizer isto não é questão de humildade, pois é assim, sempre seremos pegos pela ignorância. Por isso, existe a idéia de progresso da ciência, ou seja, de que as formações mudaram: formações novas foram introduzidas na consideração de outras formações e apareceram novas formações que antes não apareciam sem aquelas formações. Por exemplo, como o Sr. Galileu – sabe-se lá por que (talvez por ter sido seduzido na infância) – tem uma comichão na cabeça e resolve espiar estrelas com um brinquedo inventado para espiar as coisas, faz-se dele um Deus. O mesmo, aliás, acontece com Newton, que tem uma verdadeira igreja na Inglaterra. Mas o que acontece é que ele sofreu as comichões, que são formações, e foi levado a fazer aquilo. As pessoas acham que fez e aconteceu, mas não fez, ele foi feito.

Estamos na virada do Quarto Império, e a virada mais necessária para absorvermos o que acontece é acabar com nossa presunção de macaquinhos. Toda vez que ficarmos muito empolgados, devemos assistir um filme de 1968 intitulado *O Planeta dos Macacos*. Aqueles macacos também pensavam que eram gente...

Às coisas

Ad Rem, em latim, significa: às coisas, ir em direção às coisas, interessar-se pelas coisas, relativamente ao assunto em foco, de maneira pertinente, etc. Vamos, pois, às coisas. Dá a impressão de ser o lema da fenomenologia, “*de volta às coisas*”, que pensava que, saindo um pouco da situação kantiana do *a priori*, estaria retornando às coisas. Para nós, as coisas, as formações, são conhecimentos. Então, vamos às coisas, que são conhecimentos. É a tentativa de fazer uma teoria metapsicológica, ou seja, psicanalítica, do conhecimento, a qual, aliás, não tem condição de ser submetida à filosofia, a não ser que alguma filosofia a busque e transforme em filosofema – coisa, aliás, comum de acontecer.

Quando dizemos que não há sujeito do conhecimento e que devemos partir do conhecimento, e não do conhecente ou do conhecido, não se trata de pensar o conhecido ou o conhecente, e sim o conhecimento, qualquer um. A caneca que tenho nas mãos é resultado de uma transa complicadíssima, ainda mais sendo um produto industrial. É um conhecimento, tanto que, se algum arqueólogo a encontrar daqui a milhões de anos, mediante sua leitura conhecerá muitas outras coisas relativas à época em que foi produzida, isto é, em que este conhecimento se deu. O arqueólogo, com certas formações, considerará essas formações e o conhecimento será possível porque nelas está inscrito algo que pode ser transado pelo que está inscrito do lado dele, arqueólogo. Não se trata, pois, de *Eu* ou de caneca, e sim de um monte de formações para cá e de um monte de formações para lá. Dá para tentar descrevê-las, elencá-las todas, verificar como uma transa com a outra, e então perceber que não se sabe quase nada, pois a franja é larga e longa e só conseguimos saber e nos movimentar no meio de campo. Nas extremidades, estamos por fora e estaremos sempre por maior que seja o meio de campo. As franjas, se não são infinitas como até suponho que sejam, são pelo menos indeterminadas.

Dizer então que não há sujeito do conhecimento implica certamente o abandono do verbo *conhecer* no sentido que costumamos usar. Não há nenhum “*eu conheço*”, nenhum *cogito*. Só há conhecimentos que se articulam e se efetuam em uma ação juntamente com outras formações, outros conhecimentos. O *cogito* cartesiano é um “*eu penso*”, o que não é diferente de um “*eu conheço*”. Ou seja, já começa conhecendo. Se o “*eu penso*” é garantia do “*eu sou*”, o “*eu penso*” é um conhecimento que garante o “*eu sou*”. As coisas transam entre si? Quando há chance, transam. Por exemplo, se a mesa balançar e isso bater naquilo a resultante pode ser uma fratura, a qual é o conhecimento da batida disso naquilo. Conhecimento este acolhido, coletado e escrito por outras formações e por essas que ficaram marcadas.

O que é pensar?

Volto à pergunta que fiz: as coisas pensam? Depende de como se define o verbo *pensar*. De que as coisas, os bichos e as pessoas raciocinem, calculem e efetuem, não há menor dúvida. Entretanto, *pensar* aqui se coloca para além de raciocinar, de meramente articular. **Pensar é considerar a HiperDeterminação diante de todas as sobredeterminações.** Isto, parece que animal ou coisa alguma faça.

É interessante observar nas ditas ciências cognitivas que elas estão se humilhando. A cada vez que verificam que algum macaco bonobo é capaz de fazer certos tipos de raciocínio, de reconhecer e aprender seiscentas palavras, acham que não somos diferentes em quase nada. Mas não somos iguais. Ao mesmo tempo que aqui se coloca uma

humildade extrema, pois não sou ninguém, apenas um conjunto de formações, também se inclui, na transa entre formações, uma formação não encontrada nas transas das outras formações, que é a HiperDeterminação. Então, para nós, *pensar* inclui a referência constante à HiperDeterminação, ao ponto que chamo de Real ou Cais Absoluto, à Indiferenciação, a permanentemente reconhecer que as transas das formações são meras transas das formações e isso termina aí. E mais, que *eu*, ou seja, a polarização que aqui está, tem a condição de escapar da sobredeterminação das formações por ter HiperDeterminação. Fora disso é apenas raciocinar, e não pensar. Eles estão ficando humildes e humilhados por descobrirem que um matemático ou um engenheiro brilhante faz o mesmo que um cachorro, só que com maior complexidade. Então, toda a complexidade de nossa transa cultural, mental, etc., não é senão o que está espalhado por aí, por todas as formações animais, de vida em geral, que foram acopladas e funcionam aqui e agora nesse acoplamento gigantesco. Ora, isto é raciocinar, ser meramente uma máquina computacional.

Pensar é referir-se à HiperDeterminação e manter-se na perplexidade diante das formações. E não adianta cálculo algum, pois não dará conta. Raciocinar é mera articulação dos recalques, fazer conta, articular uma coisa com outra, juntar alhos com bugalhos. Pensar é afastamento radical do conhecer. O essencial à psicanálise é levar ao processo de Indiferenciação, de referência à HiperDeterminação, portanto, ao Real, que está radicalmente fora de qualquer Ser.

Uma coisa é tomar um termo e situá-lo num pensamento, outra são os hábitos de língua. A língua é careta e sintomática. Todas as línguas são precárias e muito ruins. É costume do pensamento psicanalítico linguageiro fazer a suposição de que tudo depende da linguagem no sentido de língua falada, de que o homem é um animal falante. Não é. Tudo depende da Linguagem, mas não desta que falamos. A Linguagem no sentido da estruturação do Haver é superior e mais articulada e articulável do que essas lingüinhas. Portanto, podemos perfeitamente pensar para além da língua falada e cair fora do século XX.

Quando você pensa, você se disponibiliza. Por isso, tem a ver com a Criação. Quando pensamos nos disponibilizamos, ou seja, fazemos referência à HiperDeterminação e indiferenciamos: estamos livres para o que der e vier. Sempre fiz a distinção entre criatividade e criação. Se juntarmos coisa com coisa, formação com formação, sai coisa desta transa, o que é a própria definição de conhecimento. Podemos até expor em galeria de arte, etc. Criar não é isto, e sim: retirar de onde não estava. Então, transa é criatividade: quando transamos, sempre resulta algo, mas é mera diferença transacional. Outra coisa, é destransar, o que é raro, aí acontece a possibilidade de algo. Nada se cria, nada há de novo sob o sol, o que há é o que não tínhamos colhido, uma formação que

sempre esteve ali e que nunca encontrou formações capazes de considerá-la. Estava lá, ninguém viu, de repente alguma formação viu porque se permitiu. Como é se permitir? É abandonar o sabido.

Observem, então, que conhecimento é só conhecimento, e não um conhecimento que conhece. Não tem a duplicação que existe na idéia de sujeito, por exemplo, em que o sujeito conhece e este conhecimento é conhecente do objeto conhecido. Para nós, conhecimento é uma transa, só conhecimento. Qual é seu valor? Há que produzir epistemologia sobre esse conhecimento? Não. A epistemologia é uma bobagem, é querer conhecer o conhecimento, quando basta o conhecimento com seu deslizar franjal, pois é somente o que há. A epistemologia quer dizer exatamente o que é e o que não é ciência, ou seja, quer dizer que conhece o conhecimento em seus limites, etc. Para a Gnômica, conhecimento científico é apenas um modo de conhecimento, pois trata-se de considerar toda e qualquer produção de conhecimento. A Indiferenciação de que falei é considerar as formações como meras formações temporárias, provisórias, e começar a desmanchar sua força e seu poder sintomáticos. É o que se tenta fazer numa análise: considerar formações sintomáticas poderosas numa pessoa e tentar fazer com que afrouxem para diminuir o poder das formações que chamamos de estacionárias.